

A EMANCIPAÇÃO EM SARTRE, ADORNO E RANCIÈRE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO HERÓI GUERRILHEIRO NA LITERATURA PÓS-DITATORIAL.

Maria Tereza de Azevedo (CNPQ/ UFPA).

Tânia Sarmento-Pantoja (Orientadora/ ILC/UFPA).

São três os conceitos norteadores desta pesquisa, que visa o esclarecimento acerca da emancipação através da análise teórica de Adorno em “*Educação e Emancipação*”, Sartre em “*Existencialismo é um humanismo*” e Rancière em “*O espectador emancipado*”. Para Adorno, a Emancipação é o esclarecimento, que pode ser alcançado através da educação. Em Sartre, a Emancipação é este direito que nos é dado na maioria, a liberdade de escolha, de atos. Rancière pressupõe a emancipação também pela ótica da escolha, e inicia a argumentação à participação ativa. Na pesquisa, as três perspectivas sobre esta temática - que se faz presente na concepção do herói - serão aplicadas a dois romances pós-ditatoriais. Nos dois romances, o enfoque será para os protagonistas Paulo de *Pessach, a travessia* de Carlos Heitor Cony e em Jorge do escritor português Jorge de Sena em *Sinais de Fogo*.

Palavras-Chaves: Emancipação. Pós-ditadura. Herói

Os recursos teóricos analisados servem de embasamento para a pesquisa intitulada *Subversões do Herói na Posditadura Portuguesa* que visa investigar como se dá a idealização dos personagens como heróis a partir de seus sacrifícios. A hipótese inicial é a de que com a iniciação ao processo de subversão, os protagonistas tenham tomado a decisão de deixarem suas situações de conforto e a partir da reflexão das condições em que estavam inseridos e quais eram as possibilidades para a mudança dessa realidade, eles tenham alcançado o esclarecimento da situação e emanciparam-se.

Fundamentado na educação, Adorno, acredita que este é o caminho para a emancipação. “De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade” (ADORNO, 1995. p.143). Fazendo referencia ao ensaio kantiano

denominado “Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?” em que Kant define a menoridade ou tutela e deste modo também a emancipação, afirmando que o estado de menoridade é auto inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. “Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto inculpável menoridade” (ADORNO, 1995. p. 134)

A educação é para o indivíduo, para sua individualidade ser amadurecida, ao ponto de ter suas próprias escolhas e assim exercer sua função social. A educação deve estar a serviço da emancipação, do esclarecimento. Estabelecendo, assim, a união do indivíduo à sociedade, como teoria e práxis. “Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência”. (ADORNO, 1995. p. 154)

Em síntese, Adorno afirma que:

“Uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado”. (ADORNO, 1995. p. 154)

O segundo princípio adotado pressupõe a emancipação como o poder de escolha, e sobre como estas escolhas podem determinar os rumos a serem seguidos. Trata-se do artigo de Sartre intitulado *O existencialismo é um humanismo* em que o autor trata o existencialismo como esse poder de escolha, de tomar decisões. “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo”. (SARTRE, 1970 p. 3)

Este conceito aplicado aos protagonistas das obras analisadas mostra que eles, estando cientes de quais eram suas escolhas e os riscos que estavam sujeitos a correr, deveriam optar por que caminhos trilhar. Esta contribuição que corresponde ao comportamento dos personagens foi adicionada a bibliografia da pesquisa e encontra-se no ensaio em que Sartre afirma:

“O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade”. (SARTRE, 1970 p. 5)

Outro princípio do conceito de emancipação é a teoria do filósofo francês Jacques Rancière que afirma que para emancipar-se o espectador deve “ser subtraído da posição de observador que examina com toda calma o espetáculo que se propõe” (RANCIÈRE, 2010. p. 12). Em seu ensaio intitulado “*O espectador emancipado*” o filósofo encara o processo de emancipação correspondendo ao ato de assistir a uma peça teatral, na qual o espectador tem duas opções: a de assistir e aceitar a tudo que esta sendo encenado ou participar ativamente, de maneira a se envolver e tirar suas próprias conclusões a partir do que está sendo interpretado. Na qualidade de espectador o indivíduo poderá mudar “sua posição de espectador passivo pela de investigador ou de experimentador científico que observa os fenômenos e indaga as causas” (RANCIÈRE, 2010. p. 13).

Jorge e Paulo, tendo as duas opções nas mãos: entre ficar esperando o fim das respectivas ditaduras ou adentrar nos caminhos da militância. Escolheram participar ativamente contra o fim dos estados autoritários, a partir do momento em que eles tomaram conhecimento de qual era a real situação que os respectivos países estavam atravessando. Então, com a situação realmente esclarecida, pois, com o contato que tinham de pessoas próximas, adentraram a realidade que os cercavam, mas isso só acontece a partir desse contato com outros ideais de guerrilheiros que estavam decididos a mudar sua história e de suas nações.

O gesto emancipatório de Jorge e Paulo.

Jorge é protagonista de *Sinais de fogo*, um romance que narra as experiências deste jovem em sua iniciação adulta, amorosa e de liberdade. Jorge, que estava em uma fase de importantes descobertas, resolve ir passar as férias escolares na casa dos tios em Figueira Da Foz, no litoral português. Lá ele entra em contato com muitas pessoas, tem

relação sexual com diversas mulheres, no entanto, sua paixão por Mercedes é que se sobressai. Dentre estas pessoas que ele entra em contato estão alguns jovens que tinham tendências anarquistas, eles nutriam o desejo de findar a ditadura portuguesa e também lutar junto aos espanhóis pelo fim da guerra civil que assolava o país. No contato com esses jovens, Jorge, também se aproximou dos ideais que eles acreditavam, ajudou os tios a abrigar dois espanhóis foragidos e também no plano dos amigos militantes que tinha como objetivo levar estes espanhóis para Espanha.

Em *Pessach, a travessia*, Paulo é um homem de meia idade. No dia em que completa quarenta anos recebe a visita de um amigo de longa data em seu apartamento, este amigo tem um convite para lhe fazer: entre para a luta armada. Nesses dias o Brasil enfrentava uma cruel ditadura, e Paulo passava despercebido por todos os acontecimentos desse estado opressor. Então seguia sua vida sem se dar conta da situação real do país. No decorrer da narrativa, Paulo segue sua vida como sempre foi, uma vida “mesquinha” sem grandes acontecimentos. No entanto, Paulo é forçado por Vera, uma guerrilheira iniciada na luta armada a leva-la até uma fazenda no interior do Rio de Janeiro e quando chega lá Paulo se depara com um campo de treinamento. Nesta fazenda é onde os guerrilheiros se preparam para lutar no braço armado contra o governo militar, lá Paulo fica assustado, pois nunca tinha se deparado de frente com a situação. Com o tempo, Paulo tenta escapar diversas vezes da fazenda, no entanto o “chefe” do grupo não permitia sua fuga porque ele sabia demais, sabia onde ficava o refúgio dos militantes. Com o passar do tempo e o contato com a militância Paulo muda de opinião, aprende a manusear armas e decide seguir junto com o grupo para o combate na linha de frente.

No decorrer das narrativas é possível notar que os dois protagonistas tinham duas opções: ficar sentados esperando findar a ditadura ou partiam para a luta armada a fim de participar ativamente pelo fim da ditadura. Dois fragmentos dos romances ilustram isso.

”As revoluções eram feitas por militares e por revolucionários, que se preparavam para isso, e esmagadas pelos governos que as

atacavam, sendo depois saudados por magotes de povo à moda do Minho. As pessoas que veraneavam tão longe não podiam ser, por certo, revolucionários. Pessoas destas eram, sem dúvida, como nós: e, se não tinham quarto escuro, nem precisavam dele, podiam muito bem esperar sossegadamente, ao sol da Figueira e tomando banho de mar, ou sentados nos cafés, ou à volta das mesas de jogo do casino, que a revolução acabasse.” (SENA,1984. p. 59)

“ — Paulo, você, como todos nós, está na encruzilhada. O país, a humanidade, estão na encruzilhada. Só há duas atitudes: ou ficamos sentados, à beira da estrada, sem tomar nenhum dos caminhos, ou optamos por um deles. Creio que você como homem e como escritor, não gostará de ficar sentado. [...] Pois venho propor o meu caminho, que pode ser o nosso caminho: numa palavra simples, pequena e perigosa, a luta.” (CONY, p. 28)

A passagem de um modo de vida para outro é o que marca o gesto emancipatório dos dois personagens. Mudaram de perspectivas, suas vidas passaram a ter outro sentido.

O herói contemporâneo

No mundo contemporâneo, o herói não é mais o ser provido de força que mata leões e dragões, já não tem mais o corpo torneado por músculos que nos fazem adivinhar a força e valentia que o nutrem, sua força vem de sua atitude, de seu poder de decisão e mudança. O herói contemporâneo tem como monstros os dramas do cotidiano, em que ele deve driblar o autoritarismo, as mazelas sociais, a desigualdade e em muitas vezes a salvação é somente de sua própria vida ou é reconhecida por ele como sendo vã. O herói contemporâneo é o que muda o rumo dos acontecimentos e se livra das amarras que o impedem de viver como acredita.

“Sendo assim, o herói é a figura da passagem sobre as adversidades, sendo vitorioso ou não, é uma representação de superação e que comunica algo, uma mensagem de conotações

diversas dependendo de suas várias facetas de acordo com o meio”.
(FRAIA, 2010).

Ou ainda:

“O herói contemporâneo é oriundo de uma condição pós-moderna. Uma condição que subverte antigos e modernos valores morais e os reestruturam de novas maneiras. Sendo assim, e considerando o herói como uma figura de comunicação, uma vez que representa valores, lições e ideologias de seu tempo, cabe-se uma pesquisa cuidadosa sobre os novos heróis, os heróis contemporâneos surgidos através de transformações, “contravenções” e necessidade de novos pensamentos”. (FRAIA, 2010).

Joseph Campbell, em seu livro, intitulado *O Herói de Mil Faces* faz um apanhado histórico da imagem criada acerca do herói e analisa como acontece a mudança da concepção de herói no decorrer do tempo. No final do livro há um capítulo que se chama “O herói de hoje” em que ele afirma:

“O mundo que funciona não requer essa santidade de fancaria; pelo contrário, faz-se necessária uma transmutação de toda a ordem social, de maneira que, por meio de todo ato e detalhe da vida secular, a imagem vitalizante do deus-homem universal aquele que, em verdade, é imanente e eficaz em cada um de nós possa ser trazida, de alguma forma, ao conhecimento da consciência.” (CAMPBELL, 1995 p.194).

Mais uma vez, a hipótese de conscientização que culmina na emancipação dos esclarecidos se faz presente nesta afirmação de Campbell. Como se a emancipação se configurasse como uma espécie de micro revolução que acontece em nós e que deve ser cultivada individualmente, essa força que temos para decidir em que condições buscamos viver.

Considerações finais:

Durante a execução da pesquisa foi possível atentar a algumas perspectivas acerca do herói, o herói contemporâneo, especificamente. A figuração do herói se faz a partir da imagem criada por outras pessoas. O herói mesmo não se enxerga como tal. As pessoas que o cercam é que o imaginam desta maneira, seja pelo seu comportamento ou pela sua bondade. O herói de hoje busca viver de maneira justa e digna, enfrentando os monstros figurativos do universo contemporâneo. O herói ou heroína de hoje é o “exemplo” de humanidade que devemos seguir.

Os personagens nesta pesquisa destacados vivem divididos em dois planos: o individual e o coletivo. No plano individual há tantos questionamentos sobre como as personagens gostariam de viver, sobre as adversidades da vida, entre as experiências pessoais, as trocas afetivas, relacionamentos, etc. No plano coletivo as personagens vivem em divergentes esferas, cada um em sua realidade tem que defender suas escolhas e em cada contexto em que estão inseridas, suas escolhas refletem seus ideais.

Vale ressaltar que a questão da emancipação se faz determinante na construção da figura de herói porque a partir das escolhas feitas pelos personagens, suas vidas tomam rumos diferentes, como se cada um escrevesse sua própria história, bem ou mal, seriam eles que escolheriam seus rumos e de que lado estariam participando dos momentos que seus países estavam atravessando e seria de sua inteira responsabilidade as consequências de seus atos.

Para emancipar-se, tomar suas próprias decisões e mudar os caminhos que diferenciam a existência é preciso de muita coragem, coragem para quebrar os padrões, vencer os preconceitos e ainda ter força para seguir lutando. O herói contemporâneo é este ser que consegue sobrepor sua opinião a fim de mudar o rumo da história a favor da liberdade de escolha.

Referências:

ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1995.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 11ª edição. Brasil: Pensamento, 1995

CONY, Carlos Heitor. *Pessach, a travessia*. Brasil. Companhia das letras, 1997.

FRAIA, Mônica Lima de. Comunicação, Imagem e Imaginário do Herói Contemporâneo. V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *El espectador emancipado*. Buenpaos Aires: Bordes Manantial, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradutora: Rita Correa Guedes. *Les éditions Nagel*, Paris: 1970.

SENA, Jorge de. *Sinais de Fogo*. Lisboa. Edições 70, 1984.